

OS BANCOS QUEREM NOS “EDUCAR”, E AGORA?- DISCUTINDO ESTRATÉGIAS E TÁTICAS DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Marco Aurélio Kistemann Jr.
UFJF
marco.kistemann@ufjf.edu.br

Neil da Rocha Canedo
Prefeitura Municipal de Juiz de Fora/UFJF
neilcanedo@gmail.com

Reginaldo Ramos de Britto
Prefeitura Municipal de Juiz de Fora/UFJF
reginaldorrbritto@gmail.com

Resumo:

Este minicurso busca apresentar situações-problema que vem sendo desenvolvidas no Grupo de Investigações Financeiro-Econômicas em Educação Matemática (GRIFE/UFJF). Objetiva-se, por meio dessas situações, apresentar uma proposta de educar financeiramente de forma crítica os indivíduos, contrapondo-se a propostas de instituições financeiras. Objetiva-se ainda discutir as estratégias presentes em situações presentes em propostas de educação financeira de outros países como Portugal e Espanha. Espera-se ainda que, por meio das situações-problema apresentadas, surjam novos caminhos para os professores de matemática trabalharem temas financeiro-econômicos, em sala de aula, de forma crítica e promotora de cidadania de fato.

Palavras-chave: educação financeira; consumo; estratégias; táticas; situações-problema.

1. Introdução

Este Minicurso é fruto de pesquisas desenvolvidas no Programa de Mestrado Profissional em Educação Matemática da UFJF, no âmbito do GRIFE, *Grupo de Investigações Financeiro-econômicas*, que tem como tema principal em suas pesquisas a Educação Financeira.

Esperamos que sirva de reflexão sobre este tema que de modo crescente passa a compor o currículo de muitos sistemas escolares, em muitos municípios pelo Brasil afora.

Não se trata de um manual de conduta econômico-financeira, nem tão pouco pretende prescrever o modo como você, Professor (a), deve conduzir atividades e tarefas dessa natureza com seus alunos.

Sabemos que *educar-se financeiramente* deve ser uma atitude desejável, e que indivíduos que passam por este processo podem conferir um maior controle às suas finanças pessoais, entretanto, esperamos propor com este Minicurso reflexão com professores (as) sobre o significado de *educar-se financeiramente*. Não somos contrários a esta iniciativa, mas temos importantes restrições quanto aos modos como devem se desenvolver tais processos.

Do modo como concebemos, um dos propósitos não revelados de iniciativas que estão em "movimento" no Brasil e no mundo, é **constituir consumidores para produtos financeiros**. Não é acaso que em várias iniciativas, em todo o Brasil, instituições financeiro-bancárias estejam à frente destes projetos.

Quase todos os bancos brasileiros vem desenvolvendo Estratégias neste sentido o que, se por um lado pode representar iniciativa louvável, pois auxilia (e não discordamos desta posição) os indivíduos no controle de suas finanças pessoais, por outro potencializa a capacidade do indivíduo de "consumir" produtos financeiros o que se reveste de estratégia do capital (financeiro), na busca por maior captação (extração de mais valia) de lucro.

Convidamos a você professor (a) e de modo mais específico a professores (as) de Matemática que, pela natureza da disciplina, estarão particularmente afetados e envolvidos com esta temática, a refletirem e constituírem opinião pessoal sobre o tema; sugerimos que o professor(a) seja um(a) crítico(a) de atividades que, por exemplo, apenas instruem nossos alunos a utilizar (consumir o produto) cartão de crédito, e que construa suas próprias atividades e busque também referências teóricas.

Ao final deste Minicurso indicaremos, em forma de Apêndice, algumas referências teóricas que tiveram importante contribuição em nossas pesquisas. Já adiantamos aqui que, do modo como compreendemos, o *Modelo dos Campos Semânticos* além das perspectivas desenvolvidas pela *Educação Matemática Crítica*, podem trazer relevantes contribuições para o desenvolvimento de atividades em Educação Financeira.

Outras leituras como as de Zigmunt Bauman, Erich Fromm e Jean Baudrillard trouxeram importante olhar sobre o *consumo*, tema que é central no propósito de educar financeiramente os indivíduos e contribuíram em muitas das pesquisas realizadas pelo GRIFE/UFJF.

2. Estratégias e Táticas no contexto financeiro-econômico

O título deste Minicurso sugere conceitos utilizados por outra importante referência teórica. Deve-se também a Michel de Certeau, nosso olhar para os documentos e propostas de Estratégias Nacionais em Educação Financeira, concebendo-os como *estratégias* ligadas ao poder. Esperamos com este trabalho possibilitar a constituição de alternativas *táticas*, no fazer cotidiano da Educação Financeira Escolar.

Apresentaremos atividades desenvolvidas em nossas pesquisas que abordarão a Educação Financeira desde a Educação de Jovens e Adultos (EJA) até o Ensino superior. Como dissemos são apenas indicações e esperamos colher neste Minicurso, a contribuição crítica dos (as) professores (as).

Por fim, nosso propósito é também trazer reflexão político-ideológica sobre o tema, com o intuito de servir como suporte para aqueles interessados e para que nós professores (as), não sejamos dentro dos sistemas escolares *apenas multiplicadores de propostas fechadas*, com perfil pré-definido do que deve ser um cidadão educado financeiramente.

Num mundo ideologicamente dominado pela perspectiva do capital, sobretudo o financeiro, onde o *ter* se sobrepõe ao *ser*, é fundamental que nós professores (as) estejamos atentos e críticos sobre o que e como ensinar a nossos alunos. Principalmente se tais iniciativas curriculares tem "nascimento" em ações de instituições financeiro-bancárias.

Deixamos por fim, a indagação: "O que é relevante no processo de Educar Financeiramente nossos alunos?". Tentar responder a esta questão pode ser um importante começo.

Vivemos numa sociedade líquido-moderna de consumidores, o que determina uma verdadeira submissão de indivíduos aos novos arranjos sociais econômicos, moldados pelo consumo, o que por sua vez nos impõe a necessidade de repensar o papel da instituição escolar na formação crítica do cidadão, (também) consumidor.

3. Proposta de Educação Financeira Crítica.

No Brasil, assim como no cenário internacional, é crescente o número de propostas de educação financeira, financiadas e/ou desenvolvidas por instituições financeiras. Vejamos, como exemplo, essa tarefa escolar sugerida para crianças entre 8 e 10 anos na página 21 do *Caderno de Atividades: educação financeira*, do Banco Santander¹.

¹ Disponível em <http://www.brincandonarede.com.br/Adulto/CadernoAtividades.pdf>.

“Como Preencher um Cheque. Cada aluno pode inventar a sua própria assinatura. Simular em classe uma agência bancária. Os alunos fariam seus depósitos em uma caixa e a professora seria a gerente. Depois poderiam pedir para fazer saques, empréstimos, etc. As notas podem ser substituídas por papéis coloridos”.

Nesse mesmo documento, podemos encontrar o seguinte diálogo entre personagens de uma história infantil (página 18).

“Oto: E no caso do cartão de crédito? Laila: Quando você não quiser ou não puder fazer um pagamento em dinheiro, na hora, por exemplo, para comprar pincéis e tintas, você pode pagar depois usando o cartão de crédito. Em alguns casos, as lojas permitem que o valor da compra seja dividido em duas ou mais vezes. Assim, você poderá pagar um pequeno valor por mês, até terminar de pagar tudo... Joselito: Oba, oba! Então eu vou usar um cartão de crédito para comprar um carrinho de pipocas cheinho... Laila: Muita calma nessa hora, Joselito. É importante que você pense se realmente precisa disso e se poderá pagar as contas no futuro. Muita gente compra um montão de coisas no cartão de crédito, mas não consegue pagar depois... Mas vamos falar sobre planejamento financeiro nas nossas próximas conversas...”

Uma “educação” financeira praticada nesse mote orienta no sentido de adquirir e aprender a usar corretamente produtos financeiros, ao passo que, implicitamente, sugerem o uso intensivo dos mesmos. De acordo com Bauman (2008) o consumismo é definido como uma exacerbação que a sociedade líquido-moderna produz sobre a necessidade natural, e até mesmo vital, que os seres humanos têm de consumir. No consumismo, o ato de consumo pode se constituir em vício, gerando um comportamento compulsivo. Entendemos que debruçar sobre essa problemática é vital em uma educação financeira para a sociedade atual, porém, nos exemplos que mencionamos, além de não ser discutido, o consumismo é motivado e incentivado sem limites.

Além disso, Skovsmose (2008, p. 16) conclui que na maioria das salas de aula de matemática de todo o mundo, e o Brasil não se exclui dessa maioria, a dinâmica está ancorada naquilo que ele denomina *paradigma do exercício*, em que o professor apresenta os conteúdos aos alunos que, supostamente, os assimilam e, posteriormente, os treinam por meio de exercícios retirados de um livro texto, excluindo da aula as discussões sobre a relevância desses exercícios e reforçando a premissa central desse modelo de “que existe uma, e somente uma, resposta correta”.

Pesquisas realizadas por nós e os demais membros do GRIFE apontam que a educação financeira praticada nesses contextos se restringe ao ensino de uma matemática financeira, que dá conta somente das competências matemáticas básicas e neutras e suas aplicações em situações envolvendo variáveis financeiras, tais como juros, prestações, etc. Ou seja, a educação financeira fica restrita ao plano do domínio dos algoritmos e procedimentos matemáticos e à aplicação de modelos matemáticos em situações de consumo.

Skovsmose (2008) argumenta que tomadas de decisão em situações reais onde a matemática está em ação, como é o caso das relações de consumo, não devem levar em conta apenas resultados obtidos matematicamente. Para esse educador matemático, a *matemática em ação* é algo sobre o qual é preciso discutir e refletir. Entendemos que conhecer sobre a matemática e suas aplicações cotidianas consiste de um passo epistemológico na direção dessa atitude crítica e reflexiva.

Borba e Skovsmose (2001, p. 130 - 131) apresentam a noção de *ideologia da certeza matemática* a qual eleva a matemática ao status de ilimitada, podendo, assim, ser aplicada a qualquer situação; além de nutrir a crença de que a matemática é perfeita e o pressuposto de que “a verdade matemática não pode ser influenciada por nenhum interesse social político ou ideológico”. Para eles isso reforça a tese que “um argumento baseado na matemática para a solução de problemas reais é, portanto, sempre confiável”.

Em geral, concebemos uma ideologia como um sistema de crenças que tendem a esconder, disfarçar ou filtrar uma série de questões ligadas a uma situação problemática para grupos sociais. Uma ideologia poderia camuflar ou suavizar essa discussão por obstruir possibilidades de identificar e discutir a natureza da “crise” dessa situação (BORBA E SKOVSMOSE, p. 128 – 129).

Para Skovsmose (2001) a matemática não é ilimitada, ao contrário disso, suas limitações exigem uma simplificação das situações reais nas quais ela é posta em ação, produzindo a colonização e a formatação de parte dessa realidade. Esse autor denomina a essa propriedade reorganizadora *poder formatador da matemática*. Já Skovsmose (2008) menciona que os resultados obtidos matematicamente não são neutros, nem tampouco livres de pressupostos, podendo servir a interesses políticos e econômicos. Nesse sentido, a *ideologia da certeza matemática* atuaria no sentido de encobrir seu poder formatador, além de reforçar a crença em sua neutralidade.

Skovsmose (2007) exemplifica a *matemática em ação* na realidade por meio da estratégia de *overbooking* praticada por companhias aéreas. Essa tecnologia se baseia em modelos matemáticos que visam maximizar os lucros evitando assentos vazios. O modelo matemático que age nessa situação leva em conta os prejuízos causados por passageiros que ficam sem lugar, porém o número desses passageiros é mantido sob controle de forma a conseguir lucro máximo com as passagens em preços mínimos, senão os passageiros vão voar pela concorrente. Esse modelo matemático, porém, não é capaz de prever o prejuízo causado, por exemplo, por uma situação onde um cirurgião especialista que iria realizar um transplante de órgão e, por ficar sem lugar no voo em que fez reserva, fica impedido de realizar o transplante. Para os capitalistas da empresa esse é um mero efeito colateral.

Imaginemos essa situação de *overbooking* aéreo transferida, com certas adaptações, para o mercado consumidor. Uma rede de magazines que também atua como instituição financeira oferece anúncios onde aparece em destaque a frase “*em 36 vezes de apenas R\$ 49,90 mensais, no preço de a vista*”.

Em tais anúncios o valor a vista não é mencionado e o valor das prestações mensais fica em destaque. Compreender a matemática aplicada a essa situação pode não dar conta de indagações do tipo: Será que não há juros, ou eles estão embutidos na parcela? Podemos também questionar: Será que os indivíduos-consumidores serão capazes de honrar o pagamento das parcelas, ou haverá inadimplência? Até que ponto essa inadimplência está controlada por um modelo matemático como que visa maximizar os lucros mantendo os preços competitivos, como no *overbooking* aéreo? Podemos ainda indagar: Até que ponto não é interessante para uma rede de magazines, que atua como financeira, um consumidor inadimplente? Refletir significa levantar e buscar respostas para questões como essas.

A educação financeira, da forma como a concebemos e praticamos, se alinha aos pressupostos da educação matemática crítica, considerando que a *matemática em ação* nas situações de consumo deva ser alvo de reflexão no sentido de desvelar a *ideologia da certeza matemática* que pode estar aí camuflada, servindo a interesses de grupos políticos e econômicos. Não vislumbramos espaço para essa concepção educacional no *paradigma do exercício*, visto que esse modelo didático é solo fértil para a *ideologia da certeza*.

4. Dinâmica do Minicurso

Dividiremos o minicurso em quatro momentos.

Num primeiro momento, apresentaremos aos grupos situações variadas e de diversos contextos (nacional e internacional) para que os mesmos procedam a análises detalhada das propostas e conteúdos das situações de cunho financeiro-econômicas.

Nesse primeiro momento, objetiva-se que os grupos tomem ciência das situações-problema que vem sendo veiculadas, em propostas do Brasil e do exterior, com o intuito de promover a educação financeira alinhavada ao currículo de Matemática, de modo a perceber as nuances e peculiaridades dessas situações. Será tarefa dos grupos analisarem e tecerem suas observações sobre as propostas contidas nas diversas situações apresentadas.

Num segundo momento, cada grupo apresentará seus comentários e suas produções de significados para as situações-problemas, apresentando os vieses e salientando os pontos cruciais e sua consonância com a educação financeira.

No terceiro momento, apresentaremos de forma teórica os conceitos de estratégias e táticas e como estas se interrelacionam com o conteúdos das situações-problemas, e como as análises feitas nos grupos nos momento 1 e 2 explicitam essas *estratégias* e *táticas* e o potencial dessas para a educação financeira crítica.

O quarto momento contará com uma *avaliação do minicurso* com o grupão, de modo a alinhavarmos as ideias e discussões ocorridas nos momentos anteriores.

5. Considerações finais

Em suma, propomos uma educação financeira baseada em *ambientes de aprendizagem* daqueles que Skovsmose (2008, p. 21) denomina por *cenários para investigação*, “que convida os alunos a formular questões e a procurar explicações”.

Busca-se assim, de acordo com o que apresentamos, propiciar em sala de aula ambientes/cenários propícios a ações/reflexões/ações sobre situações de consumo, além de possibilitar também o que Lins (2012) denomina de novos modos de produção de significados sobre essas situações e Kistemann Jr. (2011) defende com relação a utilizarmos dessas produções de significados para tomarmos decisões de consumo de forma crítica e cidadã.

6. Referências

ANGELO, C. L. et al. **Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história**. São Paulo: Editora Midiograf, 2012.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria.** Zahar, Rio de Janeiro, 2008.

BORBA, M. C. SKOVSMOSE, O. **A Ideologia da Certeza em Educação Matemática.** In: SKOVSMOSE, O. Educação Matemática Crítica: a questão da democracia. Papirus, Campinas, SP, 2001.

KISTEMANN JR., M. A. **Sobre a Produção de Significados e a Tomada de Decisão de Indivíduos-Consumidores.** Tese (Doutorado em Educação Matemática). Rio Claro/SP: UNESP, 2011.

LINS, R. C. **O Modelo dos Campos Semânticos: estabelecimentos e notas de teorizações.** In: ANGELO, C. L. et al. (org.). Modelo dos Campos Semânticos e Educação Matemática: 20 anos de história. São Paulo: Editora Midiograf, 2012. (p. 11-30).

SKOVSMOSE, O. **Desafios da Reflexão em Educação Matemática Crítica.** Papirus, Campinas, SP, 2008.

SKOVSMOSE, O. **Educação Matemática Crítica: a questão da democracia.** Papirus: Campinas, SP, 2001.

SKOVSMOSE, O. **Educação crítica: incerteza, matemática, responsabilidade.** São Paulo, Cortez, 2007.